

# Nódoa no Brim

TANGARÁ DA SERRA - MT - BRASIL  
12 DE ABRIL DE 2024



# Sumário

## Editorial

3

Walnice Vilalva e  
Claudia Zortea

## Poemas

4

Eduardo Mahon

## Contos

8

**Vende-se sonhos  
Encosto**  
Eduardo Mahon

## Artigo

12

**A culpa é de quem?! a história  
de um crime imperfeito**  
Juliane Regina de Souza Pereira

## Artigo

16

**Nas Malhas dos Contos de  
Eduardo Mahon**  
Olga Maria Castrillon-Mendes

## Artigo

19

**Um Duelo com a Sombra**  
Eliane Cristina Chieregatto

## Resenha

22

**Por um Azul de Fevereiro**  
Wanilce Vilalva

## Resenha

24

**Do Verso Partido, da Imensidão  
do Ínfimo**  
Samuel Lima da Silva

## Artigo

26

**Um Caminhar pela Trilogia  
Poética de Eduardo Mahon**  
Jocineide Catarina Maciel de Souza

## Artista Visual (Conceito)

29

Babu78

# Expediente

O **Nódoa no Brim** tem por objetivo a criação de um espaço em que são abordados assuntos concernentes à arte literária e à relação dialógica que ela estabelece com outros campos do conhecimento, assim como outras artes. Embora grande parte das matérias publicadas seja uma extensão das atividades e discussões realizadas em nossos cursos de pós-graduação, o propósito do jornal é atingir, por meio de uma linguagem mais acessível, um público mais amplo, abarcando o leitor comum e o aficionado da Literatura e jornalismo cultural, através da divulgação de autores, obras e temas literários de relevância no cenário cultural contemporâneo e seu diálogo com as demais artes.

**Direção geral:** Walnice Vilalva

**Equipe editorial:** Walnice A. Matos Vilalva (direção geral), Claudia Eliane Zortea (edição e revisão), Tayza Codina (revisão), Maria Madalena da Silva Dias (revisão), Natália Marques da Silva (revisão), Rayssa Duarte Marques Cabral (revisão) e Paulo Wagner Moura de Oliveira (revisão).

**Organizadoras da edição:** Claudia Zortea, Walnice Vilalva e Maria Elizabete N. de Oliveira.

**Artista Visual Homenageado:** Babu78

**Colaboradores:** Eduardo Mahon, Juliane Regina de Souza Pereira, Olga Maria Castrillon Mendes, Eliane Cristina Chieregatto, Wanilce Vilalva, Samuel Lima da Silva e Jocineide Catarina Maciel de Souza.

**Diagramação:** Umberto Rios Magalhães

## CONTATO

**email:** nodoanobrim.mt@gmail.com

## Publicação das edições de 2024

O Suplemento Literário de Mato Grosso Nódoa no Brim convida pesquisadores/as e escritores/as a submeterem artigos, ensaios, resenhas, contos, crônicas, poemas, carta ao escritor às suas edições de 2024. Para acessar as regras de submissão, clique no link: <https://ppgelunemat.com.br/submissao-nodoa>



Universidade do Estado de Mato Grosso  
Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino  
Endereço: MT-358, 7 - Jardim Aeroporto,  
Tangará da Serra - MT, 78300-000

# Editorial

O **Suplemento Literário de Mato Grosso Nódoa no Brim** está de volta. E as editoras, felizes, brindam os leitores com uma edição pra lá de especial. Nestes dez anos de difusão da arte, da literatura e da leitura, o **Nódoa no Brim** vem promovendo encontros, perfilando uma procura pela Arte, difundido olhares sobre o mundo, apaziguando e reverberando debates, conciliando reflexões, aproximando os inconciliáveis. Tanto assim que entre poesia, prosa, entre prosadores e poetas, sempre há o crítico literário. Entre esses dois universos orbitam um anseio e uma profunda defesa pela Arte. Uma irrevogável luta pela Literatura e pela leitura. O **Nódoa no Brim** reitera esse compromisso uma vez mais com esta edição especial que presta honrosa homenagem ao escritor Eduardo Mahon. Poeta, prosador, editor da revista literária **Pixé**, Eduardo Mahon se constitui como grande liderança cultural em Mato

Grosso. Sua posição estratégica vem promovendo a aproximação e o trabalho aliado entre as instituições de cultura e de formação no Estado de Mato Grosso. E essa mesma posição estratégica vem enfrentando o desafio gigante de difusão do livro e da literatura. Mais que justa homenagem. O **Nódoa** traz uma seleção de crítica e textos literários: sem alento e com poesia, o mágico mundo fantástico dos contos e o inquietante romance (que adoramos).

Esta edição especial em homenagem a Eduardo Mahon é ilustrada pelas belíssimas produções do artista plástico Babu78, que, pela segunda vez é convidado para as páginas do **Nódoa**. Importante ressaltarmos que a seleção de textos contou com a colaboração da pesquisadora **Maria Elizabete Nascimento de Oliveira**, doutora pelo PPGEL e professora da educação básica pela SEDUC-MT. **Elizabete Nascimento** também é escritora de literatura, com os seguintes livros publicados: **A educação Ambiental e Manoel de Barros** – Diálogos poéticos (2012); **Asas do inaudível em luzes de vaga-lume** (2019) e **Granada** (2023).

Que toquem os tambores!!



Walnice Vilalva



Claudia Zortea

vivo um hoje longo  
 que não acaba mais  
 a estender os braços tocando com os dedos  
 o *já foi e o vai ser*  
 nesse dia ininterrupto  
 onde tudo acontece  
 fora do tempo comum  
 que ninguém pisque  
 um só momento  
 não faça planos  
 ou junte dinheiro  
 no relógio desse dia  
 marco a minha hora  
 com os ponteiros  
 do aqui e do agora  
 pergunte por aí:  
 eu nasci velho  
 ou ainda não cresci?

moro numa cidade líquida  
 onde as pessoas mudam  
 como ondas do rio  
 desbarrancando-se  
 em mágoas assoreadas  
 o poder fisga a oca  
 da gente miúda:  
 na feira, vendem-se  
 cambadas de povo  
 enroladas no diário oficial  
 uma cidade líquida  
 é feira de ciclos –  
 ver a vida da janela  
 bater a roupa  
 quarar saudades  
 o rio atrai gente para a beira  
 molha os pés de calmaria  
 entrega-se todo em peixes,  
 mas traga para o fundo lodacento  
 todo aquele que se atreve demais



**Eduardo Mahon**

Mahon é um escritor brasileiro contemporâneo, carioca e mora em Cuiabá-MT. É advogado (pela UFMT) e Dr. em Estudos Literários (pela UNEMAT). Membro vitalício da Academia Mato-grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. É autor de vários livros de literatura e editor da Revista Literária Pixé.

Instagram: @eduardomahon e-mail: eduardomahon@eduardomahon.com.br

seria melhor  
um sofrimento único  
absurdo  
dramático  
apoteótico  
não esse hematoma  
de pequenas caneladas  
nas quinas da vida  
a agulhada no dedo  
fossa de separação  
a morte da mãe  
decepção com o amigo  
tratamento de canal  
tudo poderia ser resumido  
numa única pontada  
tão aguda  
tão sentida  
que o resto da dor  
fosse livre da vida



Não adianta me invocar  
que não darei as caras,  
Não há vela,  
reza,  
ponto,  
ladainha,  
que me faça  
sair da minha  
e baixar  
em terreiro de umbanda,  
culto evangélico  
ou missa de sétimo dia.  
Nem vem, meu amigo,  
levarei tudo comigo  
e já deixo lavrado  
que nunca estou  
onde não sou visto,  
mas é capaz  
que me aproveite  
dessa condição etérea  
para assombrar lugares  
onde não fui bem quisto.  
Quando eu for  
para não sei onde,  
onde quer  
que me encaixem  
de mim,  
esse corpo físico  
estático, pesado,  
granítico,  
não ficará sombra,  
rastros,  
unha,  
cabelo.  
Não deixo nem meu cheiro.  
Não liguem pro além,  
não visitem o cemitério,  
não comprem flores,  
nada que me lembre  
das minhas dores.  
Estarei de pijama,  
sem calça, camisa  
gravata ou cueca.  
Viverei à vontade,  
livre da minha vaidade,  
num céu gelado,  
prostrado na rede,  
sem qualquer parede,  
espreguiçando eternidade.

# Vende-se sonhos

Eduardo Mahon

Um sonho, por favor. A senhora quer um pequeno, médio ou grande? E há diferença? Evidentemente há: o sonho grande é aquele que dará a sensação de estar ocupada a noite toda. Mas durmo mal. Bem, então compre um médio. Perfeito, vou querer um sonho médio então. Bom ou mau? Como assim? Perguntei se a senhora quer sonhar com coisas bonitas ou feias. Ah sim... e quem quer ter pesadelos?! Muita gente, ora. Há clientes que pedem muitas coisas diferentes, suplícios de toda a natureza. Não é o meu caso. Pois então quer um sonho bom. É isso, um sonho bom. Com que tema? Posso escolher qualquer tema que eu quiser? Não, senhora. Temos os temas listados aqui no cardápio, dê uma olhada. Já escolhi – quero um sonho de amor. Com homem? Com homem, claro, não me dou com certas modernidades. Pois não. A senhora quer um homem mais jovem, da mesma idade ou mais velho? Eu sempre fiquei com homens mais velhos, mas no sonho, vou tentar um mais jovem. Naturalmente. Naturalmente o quê? Está me chamando de velha? É claro que não. Estou a falar apenas que, nos sonhos, temos a tendência de nos permitir coisas inéditas. Pois bem, quanto fica o sonho? São dois mil e quinhentos. Quantos? Dois mil e quinhentos. Mas isso é um absurdo! Sinto muito, senhora, mas é o preço. Dois mil e quinhentos por um sonho com um rapaz mais jovem? O amor é caro, a

senhora há de convir. Pensei que fosse de graça. Não, senhora. O amor é das coisas mais raras. Isso é fato. Então, concordamos. Mas dois mil e quinhentos é demais para o meu bolso. A senhora pode optar por um homem mais velho, o que parece? De forma alguma. Vou lembrar do meu ex-marido que fez do casamento um inferno. Pense comigo: a senhora vai sonhar com um amor perfeito e não terá que pagar por roupas novas, maquiagem, bolsas e sapatos, percebe a economia? Sem dúvida, mas não tenho esse dinheiro comigo. O amor então fica para depois? Eu vivo adiando, me falta a vontade e, quando a tenho, carecem os meios. Nesse caso, a senhora pode mudar de um tema para outro, mais barato. Qual o senhor me recomenda? Veja aí no lado esquerdo do cardápio. Viu? Vi sim: sonho de voar, sonho de ser rica, sonho de escalar montanhas, sonho de ser invisível, sonho de cantar ópera, sonho de nadar com baleias. Sim, senhora, estes estão abaixo de oitocentos. Ainda assim, é muito dinheiro por um sonho, ainda mais um médio. Compreendo. Temos, por fim, uma promoção. Promoção? Foi o que eu disse. Quais os sonhos mais baratos? Aqui estão os sonhos políticos. Como é que

funcionam eles? São sonhos curtos, onde o sonhador vira político, temos disponível o sonho de deputado, de senador e de presidente da república. Mas eu pensei que esses fossem os mais caros. Não senhora, são baratos porque começam bem, perdem-se no meio do caminho e viram pesadelos em alguns casos. Como é que pode um sonho virar pesadelo? Sonho de político vem com defeito da

fábrica, minha senhora, produto de ponta de estoque. Não tenho muita escolha, vou levar um desses. São quatrocentos e cinquenta. Sim senhor, mas pago depois de sonhar, não? Não senhora, sou obrigado a cobrá-la adiantado. Por quê? Todos os outros são pagos apenas depois de sonhar, menos estes: é que, depois que os clientes têm sonhos políticos, não querem pagar por mais nada.





# Encosto

Eduardo Mahon

Em qualquer terreiro ou mesa branca, a mulher era *persona non grata*. E que, à noite, a solitária médium entregava-se aos prazeres da carne com as tentações dos espíritos. Das muitas almas com as quais conversava frequentemente, apaixonara-se perdidamente por Alfredo e Henrique teimando na infidelidade de um para com o outro. Alfredo era um homem alto e magro, um médico de meia-idade que desencarnara há mais de oitenta anos. Henrique, ao contrário, havia três anos que se espatifara num poste em alta velocidade com a moto, num racha com o melhor amigo. Bonitão, vestia-se de jaqueta de couro, calça desbotada e levava um brinco de ouro na orelha esquerda. Estava dividida. Mas era a diversidade que excitava a sensitiva. Alfredo era o amor seguro, a conversa prazenteira, a companhia serena e o sexo tranquilo. Cheio de dedos, avisava com antecedência que iria chegar, oferecendo um calafrio na mulher que o esperava enquanto lavava a louça do jantar. Os pelos eriçados faziam a médium sorrir, sentindo o bigode roçar no pescoço, quando Alfredo agarrava-a por trás. Fechava a água da pia, tomava um banho morno, punha para rodar um disco de bolero e deitava-se nua na cama, a fim de sentir o corpo gelado do parceiro. De olhos fechados, suspirando baixo, sentia o beijo calmo nos seios, as mãos nos cabelos, o membro teso a penetrar-lhe com delicadeza, em movimentos tão lentos quanto compassados. Gozava assim, amando. Henrique chegava pela manhã. Sem aviso, quando o outro inquilino já havia sumido. Enfiava-se nu com ela, no chuveiro. E, quando menos esperava, a mulher já estava sendo comida pelo rapagão, quase sempre por trás em estocadas vigorosas. De olhos abertos e dentes cravados nos lábios, gritava com o desconforto inicial causado pelo macho viril que lhe apertava os mamilos e enfiava um ou dois dedos por trás - mete, filho da puta. Tremia com a língua enterrada na bunda, uma das muitas saliências de

Henrique responsáveis por instigar a mulher ao sabor do proibido. Presa pelos cabelos, a médium sentia as ondas quentes do orgasmo escorrendo pelas pernas trêmulas e, depois, era abandonada sem mais nem menos. Quando descobriram que a sensitiva abusava dos espíritos que rogavam orientação, ela foi proscrita do meio. Afinal de contas, Alfredo era casado. Era, mas não é mais, protestava. De mais a mais, o homem havia morrido e, provavelmente, a mulher também já havia passado desta pra melhor. Não adiantou a objeção. Nunca mais colocou o pé numa sessão de mesa branca, umbanda, candomblé, ou seja lá onde os espíritos reclamem no além. Para os caretas, gente viva não se dava com gente morta. E ponto final. Esses cabrestos éticos que atacavam a comunidade espírita não a acometiam, todavia. Foi apontada como imoral, irresponsável, demente. Nada disso afastava o chamego com Alfredo, tampouco com Henrique, do sexo amoroso com o primeiro e da trepada tórrida com o segundo - bigamia atípica na vida, que dirá na morte. O caso desfez-se de supetão. Depois de dormir feliz nos braços de Alfredo à noite e, pela manhã, cavalgar Henrique, foi surpreendida com outro espírito a perambular pela casa. Já pronta para o trabalho, tomou o café amargo que fazia, comeu meio pão francês, deixou ração para o cachorro, sentiu um perfume conhecido e estremeceu. Olhou em volta de si e não viu nada. Mas mulher não falha com perfumes, seja lá de vivos ou de mortos. Procurou aquela presença opressora na cozinha, no banheiro, na sala e, vasculhada a casa, partiu para o quarto. Sobre a cama já feita, estava lá o ex-marido nu, masturbando-se freneticamente, sorrindo para ela. Meu bem, morri há três semanas, disse o encosto. Sentindo-se usada, parou para pensar no que diziam dela, no além. Aos prantos e palpitações, saiu correndo de casa e converteu-se numa igreja evangélica.

# A CULPA É DE QUEM?!

a história de um crime imperfeito

“*Mea culpa, mea culpa, mea máxima culpa*”<sup>1</sup>, essa expressão aparece no título do romance **Mea Culpa**, de Eduardo Mahon, é proferida por uma das personagens, a investigada Heloísa Maciel, na história em que ela confessa sua total culpa e responsabilidade pela morte da mãe, em um dia de Quarta-Feira de Cinzas. Um romance regado de surpresas e riqueza de detalhes que prendem o leitor à busca por encontrar a razão do crime, mesmo a culpada sendo ré confessa. A trama se desenrola envolta a “um caso de matricídio”, uma palavra que, segundo o nar-

rador-personagem, Ramalho, afirma ser “difícil de pronunciar”.

A narrativa possui enigmas e mistérios que envolvem investigadores policiais que tentam solucionar o crime, na busca por descobrir os responsáveis, o porquê e o como aconteceu o crime. Assim, **Mea Culpa** aproxima-se do romance policial, de onde destacam-se elementos que reforçam essa proximidade, como a presença de uma personagem suspeita (culpado) e um detetive. A tentativa em desvendar os mistérios e os enigmas do crime são envoltos em um ar de suspense, angústias e horror. De acordo com Albuquerque (1980, p. 2), o Romance Policial deve apresentar dois elementos básicos além do crime, sendo que o primeiro é a figura do

criminoso que representa o mal, o vilão da história, já o segundo é o detetive que representa o bem, o herói da história.

A narrativa apresenta inúmeras incertezas, conflitos, choque de ideias e possui personagens inseridas em seus terrores do cotidiano, amedrontadas pela burocracia de um sistema público brasileiro e pelos valores morais que são como fantasmas que os assombram; elementos que se aproximam dos crimes dos personagens memoráveis de Edgar Allan Poe em seus romances. A trama é, ainda, regada na base de reconstruções dos passos de um crime, essas um pouco menos meticulosas e enigmáticas do que as feitas pela dupla de detetives mais conhecida da ficção policial de Sherlock Holmes e Dr. Watson. Entretanto, a obra **Mea Culpa** é incrementada por personagens secundárias e misteriosas, contidas em seus dramas prosaicos e emblemáticos, em universos particulares que, de forma alegórica, transmite ao leitor o caos e o inferno do indivíduo comum que pertence à sociedade moderna. E lembra personagens coadjuvantes, porém icônicas, dos mais famosos romances policiais criados, por exemplo, pela “Rainha do Crime”, a escritora Agatha Christie.

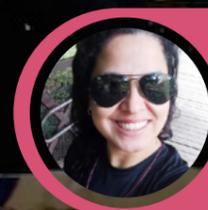
A princípio, o clima de terror e expectativa não é criado com o início da narrativa criminal do personagem delator, um escrivão de polícia com um pé na aposentadoria, cansado de tantas papeladas e burocracias que constituem o sistema do serviço público, personagem conhecida pelos seus camaradas de serviço como Ramalho. Mas o nervosismo do leitor, ou sua apreensão com a história de um crime inesperado se inicia na breve (porém não branda) apresentação do escritor sobre a sua obra. O autor faz questão de

dizer que a história narrada “aconteceu realmente. Se não aconteceu ainda, é uma questão de tempo. A realidade é um mero ponto de vista.” Segundo Aristóteles sobre o ato de contar a verdade (ou não verdade), não é obrigação do escritor “narrar exatamente o que aconteceu; mas sim o que poderia ter acontecido, o possível, segundo a verossimilhança ou a necessidade.” (ARISTÓTELES, 2007, p. 43).

O escritor chega a provocar dizendo que sua obra seria algo a ser investigado e que os críticos gastem “o dia e os olhos no microscópio analisando, letra a letra, este relato para descobrir a mentira que não se vê a olho nu.”. Esse teor de deboche e provocações é emitido pela voz desafiadora de Eduardo Mahon no prefácio do romance; assustando à primeira vista – ou tentando – o leitor que se meta a crítico: “Por que diabos as pessoas querem saber como a mágica foi feita?”. Com um aviso final, Mahon ainda continua com tom ácido ao destacar que essa história “é desaconselhada para menores de idade e pessoas com qualquer tipo de fraqueza emocional”

O romance possui alguns detalhes curiosos na estrutura, não é constituído por capítulos e, portanto, não há sumário. Existem apenas espaços que dividem a história central entre o relato confesso da auxiliar de enfermagem Heloísa Maciel e os relatos do escrivão, que funcionam como uma espécie de *insights* ou *flashes*. Alguns intervalos se apresentam entre parênteses, como ao falar da Delegacia de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP) e em que trilhos se encaminham o funcionamento dessa repartição pública, na qual o servidor Ramalho com plantão atrás de

[1] Trata-se de uma expressão latina cujo significado pode ser simplificado em “minha culpa”, comumente usada em missas ou confissões como um ato ou rito penitencial católico, na qual o fiel se culpa, e assume os seus pecados.



**Juliane Regina de Souza Pereira**

Graduada em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso /UNEMAT. Mestranda no curso de pós-graduação em Estudos Literários, campus de Tangará da Serra/MT- UNEMAT. Professora de literatura na rede privada de ensino.

pereira.juliane@unemat.br

investigação, como reclamações relacionados à falta de subsídios ou de recursos básicos para a manutenção dos serviços prestados pela própria delegacia, onde, de acordo com o servidor, economizavam “não só a gasolina”, como também “copos de plástico, material de limpeza, grampo de alumínio, bobina da máquina de escrever”; também há relatos sobre a aversão que o personagem tem a jornalistas e advogados; para Ramalho, os “jornalistas bicam como urubus, mas os advogados rasgam a carne, como hienas”.

Esses dois personagens são importantíssimos na narrativa construída, sendo eles o jornalista Faustino, que mais atrapalhava que ajudava. Faustino tumultuava o rumo do inquérito usando reportagens sensacionalistas com manchetes como por exemplo “MULHER CONFESSA QUE MATOU A MÃE” acompanhadas de perguntas incessantes do porquê a DHPP demorava tanto para solucionar o crime. Outra personagem presente em quase todos os recortes também empacava o caminhar da investigação, mas ao mesmo tempo colaborava com suas considerações precisas e cirúrgicas obtidas pelo conhecimento magistrado, o Dr. Anísio, o advogado mais conceituado da cidade. Esse “advogado do diabo”, era assim que O JORNAL e a DHPP o identificavam, era como uma serpente que observava e rondava sua presa (DHPP), sempre à espreita para dar o bote certo e ganhar a causa inocentando a matricida.

Além do entravamento no caso investigado feito por ambos, o jornalista Faustino e o advogado, existiam os trâmites burocráticos, como já ditos, também responsáveis pelos obstáculos que a investigação criminal de uma repartição de serviço público enfrentava. O escrivão, em tom de lamen-

to, externaliza que no “serviço público, as coisas nunca se completavam”, e que a polícia era malvista pela população, na qual é retratada como ‘mal preparada, a estrutura é lenta, gasta muito e não apresenta resultados concretos’.

Nesses *insights*, Ramalho também contra-argumenta essa visão de uma polícia “truculenta”, uma visão de um homem de quase meia idade inserido em um mundo moderno que, segundo ele, esse novo mundo oferecia regalias aos marginais com essa história de direitos humanos e depreciava a fama da própria polícia. Nas “entrelinhas, queriam dizer que o criminoso é uma vítima da sociedade”. Ele ainda mais a frente frisa que: “Esse papo de vitimologia é para boi dormir”.

**“Entrava governo, saía governo, e a obra não acabava”, desabafa o escrivão o “prédio novo que já tinha ficado velho, doze anos de construção sem fim”**

A história se desenrola em maior parte do tempo na sede da DHPP que ocupava um espaço “perto da matriz e dos puteiros que abriam a partir das 23h”. “Entrava governo, saía governo, e a obra não acabava”, desabafa o escrivão o “prédio novo que já tinha ficado velho, doze anos de construção sem fim” e que se transformara em

“um elefante branco que fica próximo da Secretária de Segurança Pública”. Apesar da DHPP possuir três delegados, cada um apresentava suas características: o mais velho era o exemplar policial casca grossa que resolvia tudo a base de pancada, o Dr. Bibiano “matreiro, da velha guarda”; o segundo “transferido da Delegacia de Entorpecentes porque respondia a um processo cabeludo” o Dr. Almeida, e o terceiro era mais descolado e o mais criticado pelo escrivão o Dr. Gonzaga tinha 29 anos, de acordo com a definição de Ramalho o “cara era um pavão”, “cheio de nove-horas”, e o menino “passou em primeiro lugar numa universidade pública”. As diferenças dos delegados dão uma di-

nâmica na história, por meio do conflito de gerações, de ideias, cujos personagens eram moldados por valores morais aplicadas à sua época de nascimento, com experiências e ensinamentos distintos.

Ramalho se identificava com o método violento de doutor Bibiano e trocava farpas com os ideais “afrancesados” do Dr. Gonzaga, o escrivão pontua que a “libertinagem vai tomar conta. E onde tudo começou? Com a libertação dos costumes”. O narrador-personagem, ainda sobre policiais como doutor Bibiano, diz lamuriando que sente “saudades de tipos assim, que fazem as pessoas andar na linha” e que a problemática da resolução do inquérito sobre a morte da mãe só ocorre porque a “culpa é desse pessoal dos direitos humanos” e que de quebra os jornais “criticam a polícia: “truculenta” é o adjetivo que usam”.

**Mea culpa** reverbera a voz de um homem de meia idade que possui pensamentos conservadores e retrógrados, mas a contação da história engloba situações verossímeis como o descaso do poder público com os serviços prestados à população, assim como podemos ver pelas palavras do escrivão, a revelar que a quantia de três delegados não eram suficientes para cumprir a demanda de serviços, que pode até “parecer que três delegados é muita coisa para uma só unidade policial, mas não significava nada para a DHPP”. A Delegacia sofria com a falta de suprimentos essenciais e de funcionários, para esclarecer o não guarnecimento desse último, a Secretaria sempre ficava na promessa de enviar funcionários habilitados, porém justificava o desfalque dizendo que “os concursos careciam de autorização financeira”.

O enredo é levado por esse jogo de informações, de *flashbacks*, onde o escrivão sempre abismado por não entender o motivo pela qual o caso de matricídio não se dava por encerrado, sempre que abria o seu armário, “estava lá mofando o inquérito de Heloísa Maciel junto de uns outros três, sem solução aparente”. Ra-

malho destaca que “o caso da mulher que matou a mãe foi uma das investigações de maior repercussão” de sua carreira. O narrador-personagem compara o inquérito com uma peça de ficção e nesse tom irônico atrai o leitor sedento por saber se a matricida será condenada. Nesse formato, a narrativa consegue conduzir e reter a atenção de quem acompanha a trama, apesar do quase aposentado brincar com a ideia de que “não virou escritor porque não era” a sua praia, e que “isso era coisa de desocupado.”. O escrivão encerra a história dizendo que o “essencial é que o relato feito aqui é o mais próximo que aconteceu ou do que ainda pode acontecer algum dia”.

O romance **Mea Culpa** exhibe um jogo de sentidos e verossimilhanças que convoca o leitor a mergulhar em uma narrativa contada por um escrivão exausto de sua função, que expõe as problemáticas da vida cotidiana, como: o choque de valores morais, o descaso do sistema político, preconceitos estruturais como racismo, homofobia, transfobia e machismo, elementos que o narrador exhibe por meio das vivências de outras personagens que se apresentam no decorrer da narrativa. Assim, convido-os à viagem por inúmeras surpresas, caminhando de histórias em histórias, onde cada leitor pode encontrar novos e instigantes mistérios nos vazios do texto, uma trama contada em um estilo todo peculiar, sem papas na língua.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Paulo de Medeiros e. **O mundo emocionante do romance policial**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

ARISTÓTELES. **A arte poética**. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2007.

MAHON, Eduardo. **Mea culpa**. 1 ed. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2020.



## Nas Malhas dos Contos de Eduardo Mahon

O conto costuma ser leitura de fácil e agradável consumo. Quase sempre é eleito pelo leitor jovem em detrimento do romance. O contista é o mago dos acontecimentos pelas vias da rapidez, concisão, suspense desde o primeiro parágrafo e histórias muito bem encaixadas em temas inusitados.

No universo contístico de Eduardo Mahon, o ponto central das narrativas é o ser humano envolvido em situações autoimpostas ou provocadas, ao mesmo tempo armadilhas e armazenagem de traumas/delírios que costumam consumir a atenção pelo viés do prosaico, sem perda do sentido universal. O tecido de

um mundo aparente, somado ao mundo das aparências de realidades ocultas nem sempre plausíveis, os narradores são dotados de múltiplos olhares vazados numa linguagem fluida, culta, perpassada por fino humor. No despojamento do tom adotado o leitor relaciona as próprias experiências e recria universos de essências e aparências que o coloca no nível das narrativas.

*Contos estranhos*, de 2017, é um desses exemplos recheado de estranhamentos. Pelas malhas dos textos as misteriosas tramas aguçam a imaginação para novos textos, que recheiam uma prosa que diverte e incomoda, pois há um percurso de produção que não é casual para o leitor e, talvez, não o seja para o escritor, mas fundamenta o espaço simbólico em que se dá a representação literária. Encanta-me a dose de humanidade/desumanidade dos textos de Mahon pela qual me chega a estratégia do escritor, seus subterfúgios, seus mecanismos estruturais, suas experimentações, seus *topoi*, tão necessários ao estatuto do ficcional.

Tanto no inesperado desfecho de *Hérnia*, *O olhar de Irene*, *O irreconhecível Ernesto Fuentes*, *O caso de Mário Curi*, ou no quase momento etéreo de *A menina que roubava cores*, *Contando estrelas*, *Instinto maternal* e *Uma nova estética*, o que oscila são elementos do intangível, da loucura do mundo contemporâneo, do jogo do olhar: “No percurso, viu-se, pelo retrovisor transformar-se seu Carlinhos completamente negro, de nariz largo e os cabelos crespos” (*A mancha da família*).

À uma imagem subjaz outra(s) mediante processo mediático da experiência do

espaço, numa espécie de figuração que expõe certo efeito poético. A beleza do conjunto submete os dados materiais à ficção: “Queria ter asas. Sonhava voar [...]”. o olhar de Schüller era multifacetado: enxergava num ângulo muito mais aberto do que estava acostumado” (*A nova condição de Ibsen Schüller*). São exemplos de como a visão exerce um fascínio sobre os múltiplos narradores, ora desesperançados ora problematizadores, que montam e desmontam as perspectivas do leitor.

Permeadas pelo inusitado, as narrativas geram a absurdidade dos acontecimentos e situações imprevistas/improváveis. O inesperado, ingrediente básico das narrativas, ganha estatuto estético a partir de uma linguagem específica que funciona como ímã, carregando o leitor do princípio ao fim das histórias, ou ao seu contrário, deixando-o entre a surpresa final e as entrecortadas buscas pelos meandros que conduzem à explicação das cenas iniciais. A direção do olhar é, portanto, o imperativo poético e cognitivo que pressupõe a capacidade humana de assimilar a densidade histórica. Olhar e mente entram em sintonia, ou simplesmente, se chocam em eletrizantes imagens que permeiam os 25 contos da coletânea. Estrutura e conteúdo se unem num estilo conciso que é a própria essência do seu criador. Como se atendessem ao leitor do jornal, o instantâneo é flagrado no momento da criação: “comendo um repasto de mulherio como nunca antes, viu-se *enredado* numa espécie de maldição” (*Morpheu maldito*). Essas armadilhas narrativas são associadas aos mundos interiores das personagens, quase sempre em desalinho existencial.



### Olga Maria Castrillon Mendes

Professora e pesquisadora da literatura brasileira. Autora de *Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso* (Cuiabá: EdUFMT; Cáceres: EdUNEMAT, 2013); *Discurso de constituição da fronteira de Mato Grosso* (unemat.br/editora, 2017); *Matogrossismo: questionamentos em percursos identitários* (Cuiabá: Carlini & Caniato, 2020) e, em coautoria, *Letras cacerenses* (Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021).

[olgmar007@gmail.com](mailto:olgmar007@gmail.com)

Sem subterfúgios, mas coloridos; sem romantismo, mas saborosos e plenos de fluidez rítmica, alguns contos aproximam-se da contação de histórias ao rés-do-chão, como em *É hoje, Uma nova estética, O encosto, O hóspede*; outros encostam-se ao pé-de-orelha do leitor, como em *A mancha da família, O homem que sabia de tudo, A adoção dos Moura Furtado, Segunda Feira*, murmurando deliciosas fabulações.

O que oscila são elementos do intangível, da loucura do mundo contemporâneo, do duplo movimento ser/parecer, cujos fotogramas, tecidos em poucas linhas congelam imagens que se entretêm no imaginário. O resultado é certa simbiose palavra/imagem que a memória se incumbem de complementar/desconstruir num jogo criativo em que a palavra se entrega no compasso sem tréguas, ao leitor. Palavra nua, livre e fina, condensada no sentido enxuto, cujas angulações captam personagens simples transformadas em figuras e fatos misteriosos tecidos pela aparente anomalia e pelo fantástico de uma literatura de tentáculos, lançada para novos e inusitados níveis de relação. Assim, são sobrepostos os focos da lente pelas aproximações e (aparente) distanciamento.

O tema do duplo, muito recorrente na literatura, está presente nos contos pelo conteúdo estético e pelos narradores colados à essência do humano. Na estrutura, dispositivos literários e linguísticos trazem um discurso fluido e, ao mesmo tempo, hermético. É justamente aí que se instaura a desconforto gerada pela instabilidade e pela dúvida das variantes fabulações. As personagens são a representação cotidiana de um mundo conturbado e desconhecido, repleto de novidades incontornáveis. Perdidos nos próprios duplos, ou nas lutas para barrar/adiar a morte, as personagens se veem emaranhadas em fios que se entrelaçam para captar/surpreender o leitor.

As formas, portanto, alinhavam fraturas do presente, afinando a escuta como processo fundador das sutilezas narrativas, na paradoxal tarefa do escritor. Certamente, os textos constituem entidades autônomas entre si. Assim, o leitor é conduzido para as díades culturais como as que se formam entre a imagética e a experiência de linguagem; a obsessão do olhar e a tensão poética; a força atávica e o presente, dualidade de condições da própria existência como algo que se coloca entre dois pontos equidistantes, mas que se repartem, partilham e/ou consentem.

Onde reside, então, o elemento perturbador? Talvez nos confusos vestígios do “eu”, na imaginação e no pensamento humano e/ou no seu apagamento pela ruptura do óbvio e pelo predomínio de uma aguçada veia crítico-humorística. Pelas possibilidades imagéticas, o que é ritual se dessacraliza e os tabus são remexidos a ponto de se confundirem na dupla dose do linguístico e do filosófico.

Por esse motivo, os textos não se fecham; ao contrário, ressoam uns sobre outros e povoam o universo imaginário a tal ponto que se reinicia no processo (mental) da releitura. Movimento incontável tal como o descontrole da interferência nos arquivos das memórias armazenadas. Terminada a leitura, o leitor continua a tecer as possibilidades/impossibilidades das histórias.

O crítico de arte Giulio Carlo Argan lembra que é enquanto problema dotado de uma perspectiva histórica que uma obra sobrevive porque é constantemente revisitada, ressignificada pelo juízo contemporâneo. Então, a melhor forma de ler um texto é interrogá-lo, dar voz a ele, pois os sentidos estão no que *poderia ser* e não no que é.



## UM DUELO COM A SOMBRA

O segundo romance de Eduardo Mahon **O fantástico encontro de Paul Zimmermann**<sup>[1]</sup>, lançado em 2016, adentra a extensa tradição literária que comporta a presença do duplo. No romance,

o rico financista Paul Zimmermann após ter a mansão assaltada, opta por instalar câmeras de segurança como medida protetiva, é por meio de uma delas que o milionário se torna ciente da existência do usurpador, um outro de si que circula livremente pela casa usufruindo das benesses por ele duramente conquistadas. Obcecado por essa presença alheia,

[1] MAHON, Eduardo. *O fantástico Encontro de Paul Zimmermann*. Cuiabá MT: Carlini e Caniato, 2016.

Zimmermann se isola no escritório onde foram instalados os monitores e passa a acompanhar diuturnamente os movimentos do duplo. Na tentativa de minuar a vida paralela, investe numerosos esforços, porém todos se mostram inúteis, quanto mais fragilizado fica o original, maior autonomia adquire a cópia. Num estado de debilidade extrema, Zimmermann intenta numa última batalha: matar o oponente; no entanto, esgotado das forças vitais acaba morto pelas mãos do intruso que assumirá efetivamente a vida do rico financista.

Segundo Brunel (2000),<sup>2</sup> em literatura, o duplo é a via pela qual se materializa uma procura da pessoa por si mesma e isso gera uma “agonia fisiológica”, porque esse indivíduo ao ver-se duplicado,<sup>3</sup> embrenha-se na construção de teorias e processos, colocando em julgamento seu próprio agir, sua ética e moral. Essa busca que, entre outros efeitos, parece validar no romance a aparição do duplo, correlaciona-se na narrativa de Mahon, à conformação da personagem Paul Zimmermann. Filho único do casal Joseph e Helga Zimmermann, Paul teve acesso a boa educação, embora a família não fosse propriamente rica, o pai, contador, acercava-se de que o garoto tivesse as mesmas oportunidades que os filhos de outras famílias melhor sucedidas financeiramente. Sob influência de Joseph, Paul desenvolveu habilidade com a ciência matemática, tornando-se competente em lidar com números. A mãe, uma mulher omissa frente ao rigor com que o pai condicionava a rotina do filho, contenta-

[2] BRAVO, Nicole. Duplo In: BRUNEL, Pierre. Dicionário de mitos literários. Tradução de Carlos Süssekind. Et al. São Paulo: J. Olympio, 2000.

[3] DOSTOIÉVSKI, Fiodor. O duplo. Tradução do russo de Nina Guerra e Filipe Guerra. Lisboa: Editorial Presença, 2003.

va-se com posto de educadora ensinando o garoto as boas regras de etiqueta de modo a fundamentar um indivíduo exemplar para o convívio social. Porém, nenhuma dessas distintas habilidades foram eficazes para evitar que o rapaz fosse ignorado por companheiros de escola e até sofresse enxovalhos dos colegas mais ricos que riam dele por não esbanjar com futilidades.

Os valores e regras familiares absorvidos no processo de formação entre a infância a adolescência, a convivência quase restrita com pessoas idosas e a indiferença dos colegas contribuem para que Paul torne-se um indivíduo pouco sociável. No entanto, é a rotina de estudos imposta pelo pai a viabilizar que, aos quinze anos, ele ingresse na faculdade de economia, numa linha ascendente de sucesso. Na casa dos trinta anos, Paul se torna dono do próprio banco; aos quarenta, com os pais já falecidos, constrói a mansão; aos cinquenta, com a vida estabilizada, configura um solteirão rico e recluso. É quando ocorre o assalto. O evento torna-se na verdade pretexto para narrar e uma aposta estratégia no jogo das significações. Num contexto trivial sabe-se que aquele que é assaltado não deixa de ser usurpado de algum bem, mesmo quando o assalto não repercute grande prejuízo financeiro ou à vida. No caso de Zimmermann, o episódio resulta em leve prejuízo de algumas joias e pouco dinheiro, tanto que o banqueiro demonstra bastante tranquilidade em lidar com o fato, recusando-se inclusive a prosseguir com o inquérito investigativo.

No entanto, o evento parece acionar lembranças potencializadoras do conflito experimentado por Paul, tais reminiscências estruturam o primeiro passo em direção a projeção do mundo íntimo da

personagem. O escritório que no decorrer da narrativa instrumentaliza-se como um lugar de clausura, transforma-se, a nosso ver, num espaço em que se projeta uma vida que foi renunciada. A dualidade ganhará contornos nas contradições fundamentadas na experiência de vida e vão subsidiar a avaliação realizada por Paul ao se dar conta da vida minguada de afetos, cujo resultado é a incomensurável solidão em que se encontra. Corroborando, portanto, com o que acentua Brunel (2000) sobre o surgimento do duplo compreendido como busca por resposta acerca de si mesmo.

Nesse sentido, a cópia, que conformará justamente a jovialidade, a alegria, e a leveza de uma vida que foi descartada pelo banqueiro, comportará, a nosso ver, uma potência alegórica cuja prerrogativa parece ser norteadora do dilaceramento que o homem experimenta frente as dissenções provocadas pelas mudanças que se deram no intercurso da modernidade, e que foram fundantes para a queda dos valores que provocaram cisões permanentes entre o homem e o mundo, entre indivíduo e comunidade, consolidando numa crise de identidade e subseqüentemente na luta pela manutenção da singularidade. Vale acentuar o proposto por Bauman (2003)<sup>4</sup>, segundo o qual essa busca empreende uma batalha, o indivíduo que nela combate está inevitavelmente fadado a sofrer a segregação própria do mundo moderno que já não aceita mais identidades fixas.

Assim, a morte cuja função é efetivar a anulação de um em detrimento de outro, não deixa de assumir no romance uma condição metafórica. A morte de Paul Zimmermann e a prevalência da cópia oportunizam pensar nos dilemas que o homem moderno experimenta. Como atesta Bauman, no mundo moderno o isolamento absoluto é impossível. O romance parece evidenciar justamente isso, aquele que não está preparado para ca-

[4] BAUMAN, Sygmunt. *Modernidade Líquida*. São Paulo: Zahar, 2003.

minhar em direção ao outro acaba sucumbindo sozinho, sufocado na própria solidão com seus fantasmas. A partir do que está posto, afirmamos que a singularidade e alteridade só podem ser conformadas a partir da experiência coletiva. É no confronto com o outro que o homem pode melhor aprender sobre si mesmo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Sygmunt. **Modernidade Líquida**. São Paulo: Zahar, 2003.

BRAVO, Nicole. Duplo In: BRUNEL, Pierre. **Dicionário de mitos literários**. Tradução de Carlos Süssekind. Et al. São Paulo: J. Olympio, 2000.

DOSTOIÉVSKI, Fiodor. **O duplo**. Tradução do russo de Nina Guerra e Filipe Guerra. Lisboa: Editorial Presença, 2003.

MAHON, Eduardo. **O fantástico Encontro de Paul Zimmermann**. Cuiabá MT: Carlini e Caniato, 2016.



**Eliane Cristina Chierogatto**

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT, mestra em Estudos Literários, professora da rede pública de ensino e membro do Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino da Universidade do Estado de Mato Grosso.

[eliane.chierogatto@unemat.br](mailto:eliane.chierogatto@unemat.br)





## Por um Azul de Fevereiro

E como eu palmilhasse vagamente  
uma estrada de Minas, pedregosa,  
e no fecho da tarde um sino rouco  
(....)

Carlos Drummond de Andrade



### Wanilce Vilalva

Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP. Pós-doutorado pela Universidade de São Paulo – USP. É professora adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso. Líder do grupo de pesquisa Estudos de Literatura: memória e identidade cultural (CNPq) e Coordenadora do Núcleo Wladimir Dias-Pino. Atualmente, exerce novamente a função de Coordenadora do Programa de Pós-graduação

walnicevilalva@unemat.br

A potência poética de **Azul de fevereiro**<sup>1</sup> se revela desde o título e se intensifica pela escolha da epígrafe, um dos maiores poemas em Língua Portuguesa, *A Máquina do mundo*, de Carlos Drummond de Andrade. Dessa referência direta ao primeiro poema do livro **Claro Enigma**, aliás, o meu preferido da Literatura Brasileira, nasce a sugestão para o título desta breve reflexão.

Tocamos a própria raiz do lírico, como diz Júlio Cortázar<sup>2</sup>, “um avançar a procura do ser”. E assim digo, convocando o lírico para falar da prosa, do conto mahonino. E se assim digo, é porque em **Azul de Fevereiro** persiste esse deslocar, essa ânsia pela palavra alusiva que incorpora uma procura obscura do ser, sem o abandono da refinada ironia, em uma densidade advinda da retenção analógica e subversiva. Dessa retenção acomoda-se uma refração difusa pela composição sinestésica, como por exemplo, de um “vento morno e preguiçoso que ventava com descaso, pelo sol relapso manso dos domingos”. (Mahon, 2018, 16). E o resultado dessa composição forja um mundo em calma e lentidão.

O narrador aprisiona um instante, fazendo dele lentidão, imorredouro. E toma posse do ser sem saída “Mas ali na ponte estreita, não havia como ir para frente ou para trás.” (Mahon, 2018, 31) O ser ilhado numa rotina (seja no conto *Maurício*, seja *Um doce de marido*, seja “em plantar um quintal inteiro de ontem”) ilumina-se pela quebra, pela ruptura, na narrativa, de *um certo* e derradeiro cotidiano. Evocador da rotina insignificante, das ações feitas em repetição, pela ausência mesma de emoção, esse narrador mahonino está muito longe da contemplação, muito longe do espanto. Há uma indiferença no e sobre o mundo que cresce revertido, feito invertido, que desloca e muda a direção da experiência.

Em **Azul de fevereiro** as narrativas nos

[1] MAHON, Eduardo. *Azul de Fevereiro*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2018.

[2] CORTAZAR, Julio. *Valise de Cronópio*. 2.edição. São Paulo: Perspectiva, 1993.

trazem histórias de cisão da rotina, desse deslocar da existência de um certo modo de viver, depõe-se “um preço do passado”. Nesses mundos projetados pela linguagem, a indiferença e o sofrimento retidos tragam as personagens como “espelhos cansados” do mundo porque “o espelho fazia o que era esperado: refletia...” (Mahon, 2018, 37). Se, por vezes, esse narrador indiferente faz da contenção, da retidão, um lastro da linguagem criadora, a brevidade expõe uma capacidade de fabulação da experiência. Neste livro, mais que em outros, essa brevidade (intensa) não pode ser confundida com velocidade. Jamais. Tudo que não há é pressa nestes mundos *Azul de fevereiro*. Decorre do trabalho com a linguagem, o efeito contrastivo entre concisão, retenção e lentidão: o mundo movente é lento, entediado e sofrido. Um sofrimento que assola a personagem solitariamente. Não se compartilhe sofrimento, não é mesmo? Tão pouco espere solidariedade e compaixão alheias.

**Azul de fevereiro** pincela o ‘colorido’ da irremediável solidão no mundo. E a indiferença pela dor humana. Cada personagem, dos sessenta contos, espreita sua dor solitária e incompreendida por outrem. Se o narrador é esse maestro solitário, o escritor, Eduardo Mahon, é essa máquina de fabricar histórias, emoções, afetos e desilusões.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MAHON, Eduardo. **Azul de Fevereiro**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2018.

CORTAZAR, Julio. **Valise de Cronópio**. 2.edição. São Paulo: Perspectiva, 1993.





## DO VERSO PARTIDO, DA IMENSIDÃO DO ÍNFIMO

Poesia nada mais é do que um fenômeno de contenção. Há, na particularidade do fazer poético, a arte do condicionamento da palavra, do estreitamento melancólico da derrelição. Escreve-se, ajusta-se, lapi-

da-se, apaga-se, reescreve-se. Nesse ritual, doloroso e de ofício hercúleo, como já afirmou Olavo Bilac em seus versos de “A um poeta”, soma-se a primazia com a qual o poema engendra-se à vida, ao cotidiano,

sendo tragado pela já famosa pena, disseminado em sua própria imagem e matéria. Com essas afirmações, proponho-me, aqui, brevemente, a comentar a poesia do escritor Eduardo Mahon, mais especificamente, seus livros *Um certo cansaço do mundo* e *Quem quer ser assim sem querer?*, ambos publicados em 2017. Livros pequenos, honestos, mas que carregam em si a contenção aludida anteriormente.

Há, no jogo simbólico-representativo do eu-lírico mahoniano, uma espécie de imaterialidade do desejo, talvez uma ruptura com aquilo que é deixado por nós ao longo do caminho. A detalhística dos versos, em ambas as obras, sugerem a contrição do cotidiano, a percepção aguçada dos pequenos gestos, sentimentos, alusões. Em poemas como: *por aqui/só vi/sol* ou *é cedo/para tanto/medo*, o que ocorre é neutralização do colossal em detrimento da percepção dinâmica do ínfimo, do particular.

No abarcamento dos versos, revela-se o abismo do ser humano frente às particularidades daquilo que o cerca, esquecido, não observado. Precisamente nesse limiar é que reside a circunscrição do conjunto de poemas presente nessas obras, isto é, uma consagração paulatina do instante, que arrefece e escorre pelos olhos do leitor. Contenção. Retorno a esse termo. É na seara desse substantivo feminino que os poemas de Eduardo Mahon prendem o imaginário, indo, aos poucos, sem explodir, explorando as camadas de um cotidiano tão assolado pelo efêmero. Contenção. Versos que, na sua simplicidade, traduzem o isolado, aquilo deixado em segundo plano. No poema: *De repente,/esvaziei-me/como a margem/da praia/num hiato/entre as ondas*, pode-se notar a compleição da figura humana engendra-

da ao instante estilhaçado, ao momento fugidio do *esvaziamento* de si próprio, so-mando-se às águas.

Em texto assertivo, Barthes trabalha com a figura do *céu azul*, evidenciando a magnitude do instante, o prazer e a beleza da primeira instância. Em Mahon, essa delimitação barthesiana aprisiona o eu-lírico na fugacidade do cotidiano, na apreensão assimétrica das pequenas coisas. *O que os passantes não veem/é a montanha de esquecimento/que sustenta o asfalto novo;/ não pode medrar a grama fresca/sobre os entulhos de tanto passado*. Nesses versos, fica clara a opção desse eu-lírico por valorizar o que não é observado atentamente. *A montanha de esquecimento* é percebida como a visão opaca para a simplicidade, que transforma em passado o que é relegado ao esquecimento, ao limbo da memória. Lírica de marcação, suturação, comedimento.

Gosto, particularmente, da maneira como esses pequenos livros vão contornando o óbvio, desfazendo convenções, apresentando seus engenhos lírico-discursivos. Aprecio, de igual forma, a delicadeza com a qual esses versos são escritos, tornando a leitura um momento de apreciação, descoberta. Obras menores, não no estilo e na qualidade, mas na forma gráfica, que conseguem, vertiginosamente, abraçar o leitor, fazendo-o, provavelmente, refletir sobre a imensidão do ínfimo, da qualidade dos instantes perdidos. Retomo, nesses momentos finais, o que afirmei no início desse texto: Poesia nada mais é do que um fenômeno de contenção.

Prende, arrebatada e se eterniza.



**Samuel Lima da Silva**

Doutor em Estudos Literários e pós-doutor (PNPD/CAPES) em Estudos Literários pelo PPGEL – UNEMAT. Pesquisador do grupo – Estudos de literatura: memória e identidade cultural (CNPq) e membro do Núcleo de pesquisa, Wladimir Dias-Pino (UNEMAT).

[samuel.lima@unemat.br](mailto:samuel.lima@unemat.br)



## Um Caminhar pela Trilogia Poética de Eduardo Mahon

A leitura dos textos literários na educação básica é um grande desafio. É necessário que os alunos dos cursos de Letras, Pedagogia e demais licenciaturas tenham contato com a produção literária, para que tenham possam ter referências de leituras diversificadas na sua prática docente. Não há aqui pretensão de apresentar uma análise literária da estética mahoniana, mas de elaborar um convite à leitura da escrita poética do escritor Eduardo

Mahon. Em cada obra da trilogia: **Meia Palavra Vasta**<sup>1</sup>, **Palavra de Amolar**<sup>2</sup> e **Palavrazia**<sup>3</sup>, temos um prefácio e posfácio escritos por poetas que escrevem em Mato Grosso,

[1] MAHON, Eduardo. *Meia palavra Vasta*. Cuiabá: Carlini e Caniato editorial, 2014.

[2] MAHON, Eduardo. *Palavra de Amolar*. Cuiabá: Carlini e Caniato editorial, 2015.

[3] MAHON, Eduardo. *Palavrazia*. Cuiabá: Carlini e Caniato editorial, 2015.

são elas: Cristina Campos, Marilza Ribeiro, Marly Walker e Marília Beatriz, as quais endossam algumas perspectivas e olhares sobre a poesia dessa coletânea.

Por que ler essa trilogia de poemas? Respondo com a contribuição de Octavio Paz (2012)<sup>4</sup>: porque em cada poema ressoa a música do mundo. Nas curvas dos diferentes versos você irá se deparar com referências a grandes artistas das palavras que fazem parte do universo literário-cultural, como: Carlos Drummond de Andrade, Millor Fernandes, Gervásio Leite, Rubens de Mendonça, João Antônio Neto, Wladimir Dias-Pino, Silva Freire, Lucinda Persona, Marta Cocco Danielly Karoline, Rosemar Monteiro, Marília Beatriz, Marli Walker, Tadashi Jr., e muitos outros, seja na singeleza de uma homenagem [à] e/ou referência no entrecruzar e produzir (*com*) dos versos.

Ao arriscar-se pelo caminho da leitura poética de Eduardo Mahon, evoco o poema do primeiro livro da trilogia, **Meia Palavra vasta** (2014), como um recado ao leitor e/ou como um fio condutor, a fim de um questionar a si, de um compreender o ato de ler em produções com estéticas diversas, inquietações que acontecem, às vezes, também nos espaços vazios, como uma forma de revitalizar o percurso da formação de leitores, especialmente na educação básica.

Vanguarda  
É forma  
À margem  
Da norma

Do poema acima decorre a possibilidade de nos questionar: de que modo concebemos o texto literário contemporâneo? Esta-

[4] PAZ, Octavio. *O Arco e a Lira*. Tradução: Ari Roitma e Paulina Watct. São Paulo. Cosac, Naify, 2012.

mos tendo acesso a essas produções? Quais potencialidades e/ou fragilidades apontamos nos inúmeros plantios literários que estão veiculando no contexto atual?

Em cada verso que compõe o conjunto da trilogia, a marginalidade das imposições sociais ressoa e nos instiga a ler, como se o próprio jogo e organização dos poemas nos convidassem a bailar com ritmos diversificados porque trata-se de um convite à liberdade do ato de ler. Percepções que ecoam, por exemplo, em **Palavra de Amolar** (2015), quando o *eu-lírico* poetiza que:

Para o futuro  
que escolhi  
ainda nem nasci

sempre me espanta  
como ainda sangra  
um passado morto

Em **Palavrazia** (2015), há uma junção de palavras que evoca um neologismo recheado de sentidos – palavra-vazia, que potencializa o fazer poética numa possível negação da polissemia da linguagem. No entanto, é uma negação que realiza um efeito contrário:

é tanto amor  
em poesia  
Que palavrazia.

O poema anterior é instigante e derrama poeticidade, para exagerar um pouco, fisgarme de tal modo que a leitura prossegue em busca de outras pérolas e corais, tal qual:

repito a esmo:  
perdão por ser  
eu mesmo



### Jocineide Catarina Maciel de Souza

Quilombola Pita Canudo. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários PP-GEL/UNEMAT (2021). Componente do Grupo de Pesquisa em Poesia Contemporânea de Autoria Feminina do Norte, do Nordeste e do Centro-Oeste do Brasil - GPFENCO-UNIR/CNPQ. Professora de língua portuguesa, lotada na Escola Estadual João Batista em Tangará da Serra/MT. É membra do Coletivo de Mulheres Negras de Cáceres/MT.

[jocineide.souza@unemat.br](mailto:jocineide.souza@unemat.br)

desde o macaco  
ano após ano  
o homem resiste  
em ser humano

Os poemas que compõem cada uma dessas obras é um encontro entre a poesia e a humanidade de cada leitor, pois Mahon não se limita apenas em formas literárias, mas na miscelânea de poemas em bloco de estrofes, haicais, poemas concretos e em versos livres, que nos apresentam a fusão entre a forma e a substância, como pontuou Octavio Paz (2012).

Destaco os adjetivos que acompanham as *palavras-títulos* da trilogia: amolar – afiar/importunar; vasta – ampla/grandiosa; vazia – limpa/desabitada; semanticamente e/ou esteticamente fazem reverberar outros sentidos. São palavras acompanhadas, que embora desenhadas em formato fragmentado e diverso, como já enunciado, se unem como rizoma pelas constelações evocadas das iluminuras poéticas que alçam voos e, portanto, não obedecem aos limites da significação convencional.

É notório que o trabalho realizado por Eduardo Mahon, no estado de Mato Grosso está provocando e estimulando muitas transformações no cenário literário, tanto na sua escrita quanto no processo de difusão de sua produção, logo o escritor se torna parte do “movimento dialético que engloba a arte e a sociedade num vasto sistema solidário de influências recíprocas” que convida o leitor à participação, seja na incompletude que as palavras nos proporcionam, no fio do corte do objeto amolado, ou na queimação provocada por uma escrita de encontros e desencontros, pelas dúvidas e certezas que nos levam a viver a literatura enquanto arte da palavra.

Suscitar a discussão da leitura literária, nos cursos de licenciaturas é fundamental para que essa consiga chegar as escolas de da educação básica. Desse modo, é possível pensar e significar a relação entre sociedade e arte que de acordo com Antonio Candido (2008, p.34)<sup>5</sup> trata-se de uma “[...] atividade do artista estimula a diferenciação de grupos”.

[5] CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2008.

As palavras cortam, palavras ardem e não se limitam em medidas e fórmulas. Aceitar o convite à leitura dessa trilogia, que apresenta como centro dos seus títulos o termo “palavra”, é possibilitar aos acadêmicos iniciantes ou aos veteranos vivenciarem a experiência de ler em uma tarde, madrugada, manhã ou, até mesmo, ao meio dia, uma obra completa de imagem poéticas que remetem a diferentes experiências literárias que envolvem-nos de magia e dilemas que:

por ser levado  
eu te levo  
pra todo lado

Trata-se a trilogia de um partilhar palavras desconexas, fragmentadas, que se juntam pelo poder inenarrável das existências. Nesse viés e, para não finalizar, mantenho acesa a chama da leitura, enfatizando a incompletude em **Meia palavra vasta** e de como o fio do corte possibilitado pela **Palavra de amolar** pode acessar nossas percepções para ver nos poemas as inquietudes de **Palavrazia**. Perceber que nos movimentos vastos dos fragmentos da trilogia de Eduardo Mahon, nos possíveis ritmos diversificados do universo da leitura de cada leitor, estão contidos vidas e, conseqüentemente, a (des)ordem do mundo que provocam às danças em múltiplas coreografias.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2008.

MAHON, Eduardo. **Meia palavra Vasta**. Cuiabá: Carlini e Caniato editorial, 2014.

MAHON, Eduardo. **Palavra de Amolar**. Cuiabá: Carlini e Caniato editorial, 2015.

MAHON, Eduardo. **Palavrazia**. Cuiabá: Carlini e Caniato editorial, 2015.

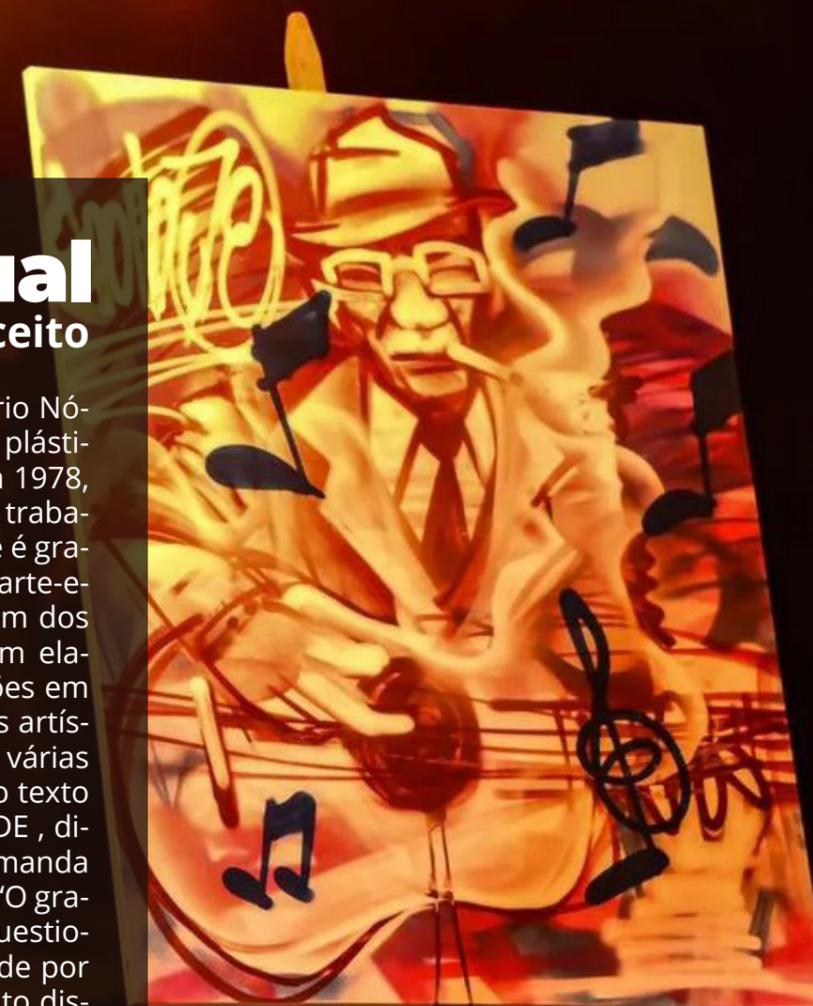
PAZ, Octavio. **O Arco e a Lira**. Tradução: Ari Roitma e Paulina Watct. São Paulo. Cosac, Naify, 2012.

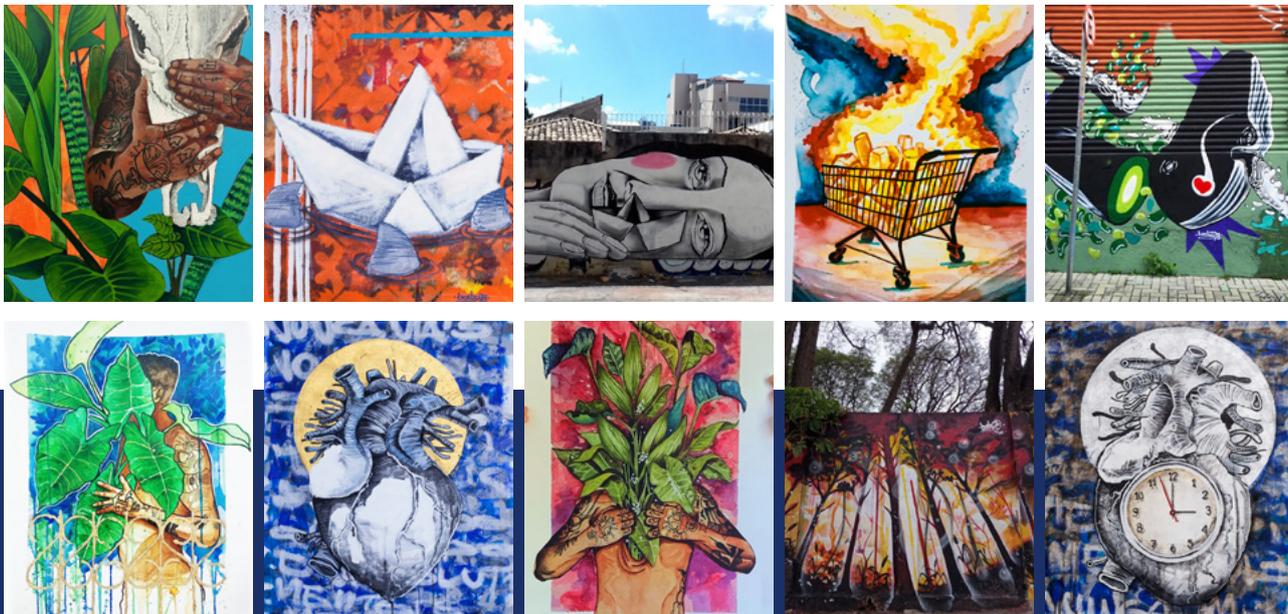
## Artista Visual Conceito

A 88ª Edição do Suplemento Literário Nódia no Brim é ilustrada pelo artista plástico Babu78. Nascido em Cuiabá, em 1978, Babu (Adão Silva Segundo) reside e trabalha na capital de Mato Grosso, onde é grafiteiro, desenhista, artista visual e arte-educador em oficinas de grafite. Além dos grafites em murais de rua, também elabora pinturas, desenhos e ilustrações em seu estúdio. Já realizou exposições artísticas e participou de coletivas em várias cidades dentro e fora do estado. No texto BABU78 – Exposição PROFUNDIDADE, divulgado no site do Prêmio PIPA, Amanda Gama e Willian Gama afirmam que “O grafite produzido pelo artista situa, questiona e abre diálogo com a comunidade por meio de sua obra cujo fundo é muito distante da superfície. O tema, nem sempre explícito, requer do espectador atenção não só para a figuração posta, mas para o assunto que pede socorro”.



Babu78





## Artista Visual Homenageado:



### **Babu78**

Nascido em Cuiabá, em 1978, Babu (Adão Silva Segundo) reside e trabalha na capital de Mato Grosso, onde é grafiteiro, desenhista, artista visual e arte-educador em oficinas de grafite. Além dos grafites em murais de rua, também elabora pinturas, desenhos e ilustrações em seu estúdio. Já realizou exposições artísticas e participou de coletivas em várias cidades dentro e fora do estado.

Instagram: [@seteito](https://www.instagram.com/seteito)

Realização



# UNEMAT

Nódoa no Brim 88 | Abr 2024